



## ENSINO DE MATEMÁTICA E HISTÓRIAS INFANTIS: CRIANDO E RESOLVENDO PROBLEMAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Aparecida Figueiredo Cohn<sup>1</sup>

### Educação Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

**Resumo:** Esse relato aborda os desdobramentos de um trabalho interdisciplinar envolvendo Matemática e histórias infantis, realizado nas aulas de matemática, em turmas de 2º ano do Ensino Fundamental do 1º segmento, do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora, buscando refletir sobre como as histórias infantis podem contribuir para o desenvolvimento dos alunos nas aulas de matemática. Desse modo, o texto focaliza aspectos concernentes às interações das crianças, no tocante ao desenvolvimento de atividades envolvendo a leitura e a aprendizagem matemática. Assim, tecemos reflexões que permitem concluir que o uso das histórias infantis como recurso didático para ensino de matemática contribui de modo significativo para o desenvolvimento do letramento matemático e para avanços reais na aprendizagem dos alunos. Verificamos que a literatura infantil nas aulas oportuniza que os alunos adquiram habilidades matemáticas e desenvolvam a linguagem, pois estarão em constante movimento de leitura, conversa sobre o livro, releitura e organização das ideias, seja de forma escrita ou verbalizada.

**Palavras Chaves:** Educação Matemática. Histórias Infantis. Resolução de Problemas.

### Introdução

Pretendemos aqui, relatar os desdobramentos de um trabalho com literatura infantil desenvolvido nas aulas de Matemática, nas turmas do 2º ano do Ensino Fundamental do 1º segmento, do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora buscando desenvolver a linguagem matemática através da inserção das histórias infantis e propiciar aos alunos condições para entender/contextualizar a matemática, provocando um redimensionamento dos conceitos já conhecidos e possibilitando a busca da compreensão de novas ideias e valores através da literatura infantil como eixo organizador e integrador de atividades.

Pretende-se aqui identificar as práticas docentes interdisciplinares do ensino de Matemática e analisar as repercussões de tais práticas. Assim, trataremos discussões sobre o ensino de Matemática por meio da literatura fundamentado em autores como Smole (2001). Os pontos discutidos nesse trabalho estão embasados,

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela UFJF; professora do EF 1º segmento do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF e Membro do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática (GREPEM) UFJF. cidacohn@gmail.com

também, em autores que discorrem sobre formação de professores e suas práticas pedagógicas, dentre eles Longhini (2008), Nacarato, Mengali e Passos (2009), Tardif (2002), Nóvoa (1997), García (1997), Freire (1996).

Sabemos que letramento é o resultado da ação do ensinar ou aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais. Assim, acreditamos que, como sugere Soares (2003), promove-se o letramento do aluno aliando a literatura ao ensino da Matemática, pois o resgate de elementos do cotidiano para seu ensino permite o desenvolvimento de habilidades de leitura e da escrita em situações reais de uso.

Pode-se destacar que a leitura é reconhecida por estudiosos, dentre eles Orlandi (2001), como um processo que envolve interesse, percepção, sensibilidade, construção e reelaboração de ideias a partir da experiência de vida de cada um, sendo imprescindível para o processo de aprendizagem na escola. Por sua vez, o uso da literatura infantil pode tornar-se um valioso instrumento para a imersão no mundo da leitura, influenciando de maneira positiva, motivando a aquisição de conhecimentos diversos. Dentro dessa perspectiva, propomos a reflexão sobre a contribuição da literatura infantil para o aprendizado de Matemática na educação básica.

Durante o desenvolvimento das aulas percebemos que os alunos participam de modo significativo das atividades que envolva leitura de livros de literatura, como: "A Arca de Ninguém", de Mariana Caltabiano; "O Colecionador de Borboletas", de Fulvo Testa; "A Chapeuzinho Amarelo", Chico Buarque entre outros. Além desses livros, possuímos uma pequena biblioteca em sala de aula, quanto a escola possui um acervo grande de livros de literatura com os quais é possível realizar atividades que inserem conceitos matemáticos de forma clara ou implícita.

No tocante ao ensino, observamos que durante as aulas nas quais os livros de literatura são utilizados como instrumento de aprendizagem, os alunos são inseridos no mundo da leitura e desenvolvem uma participação mais ativa, relacionando elementos do cotidiano para soluções de problemas matemáticos. Nesse contexto, evidencia-se o conceito proposto por Frota-Pessoa (2004) em relação ao aprendizado voltado para solução de problemas, que, de acordo com o autor, faz com que os alunos se tornem parte da solução do problema. Sendo assim, para os alunos essas situações constituem-se em problemas a serem enfrentados com criatividade e empenho.

Desse modo, acreditamos que fazer com que o aluno se torne um leitor ativo é permitir que este seja capaz de fazer uma interpretação do mundo que o cerca, pois sabemos que a leitura não pode ser considerada apenas interpretação de signos do alfabeto, é algo bem mais amplo. A leitura eficiente, a que produz sentidos, é aquela que envolve, além da simples decodificação dos signos, a vivência de cada um, logo é colocada como prática da compreensão do mundo na qual o sujeito está inserido. Por meio da leitura podemos formar cidadãos críticos, levando os indivíduos a compreenderem os significados além da superfície do texto. Dessa maneira, ler é reformular os significados inúmeras vezes e não apenas decodificar.

Considerando que a prática escolar tem importante papel no desenvolvimento formativo de um professor e que este é fundamental no processo educativo, solicita-se ao aluno crie situações de investigação, para que possa encontrar soluções e respostas para as questões que lhe são colocadas. Como revela Freire (1996, p.109) “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito” e deve ser estudado e tratado com a importância que merece.

### **Referencial teórico**

Para refletirmos a respeito do ensino da Matemática através das histórias infantis nos anos iniciais do Ensino Fundamental, devemos levar em consideração o conhecimento do professor sobre o assunto, bem como as exigências das propostas educacionais as quais ele deve entender quando for colocar em prática suas aulas.

Dessa forma, notamos que ensinar Matemática não é apenas transmitir conceitos matemáticos, mas permitir que o aluno compreenda o significado dos conteúdos propostos e que esses conteúdos não devem ser imutáveis e nem vir em blocos fixos, mas devem perpassar vivências e experiências reais, do cotidiano dos alunos, que emergem de lugares diversos, como do contato com um livro, por exemplo.

Nessa acepção Nacarato, Mengali e Passos (2009) destacam que: “trabalhar matemática na perspectiva que defendemos exige criar, em sala de aula, contextos em que o aluno seja colocado diante de situações-problemas nas quais ele deve se posicionar e tomar decisões, o que exige a capacidade de argumentar e comunicar suas ideias”. (NACARATO; MENGALI, PASSOS, 2009, p.81)

Logo, percebe-se a necessidade de promover atividades que façam com que os alunos desenvolvam estratégias ligadas a outras áreas do saber para formular suas

hipóteses para, então, tomar posicionamento frente a problemas propostos pelo professor.

Dessa maneira, consideramos as histórias infantis um importante instrumento no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que pode ser concebida como uma oportunidade de levar a criança à “manifestação do sentir”, na qual há possibilidade de pensar, reinventar e discordar daquilo que é apresentado. Assim, conforme Smole (1999, p. 11), “a literatura infantil tem sido apresentada como uma prática pedagógica aberta, atual que permite a criança conviver com uma relação não passiva entre a linguagem escrita e falada”.

Juliani (2007, p.5) aponta que “a literatura tem sido apresentada como uma prática pedagógica atual”, já que possibilita uma relação ativa entre a linguagem escrita e a falada e oferece à criança uma aproximação de elementos da realidade por meio da fantasia. Essa nova prática, na verdade é o que chamamos de letramento. De acordo com Soares (2003, p.3) letramento “compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita”. Logo, envolve o uso social da leitura e da escrita em práticas reais, que ocorrem em contextos que “tenham sentido e façam parte da vida dos alunos”. Ainda conforme a autora, “o letramento é responsabilidade de professores de todas as áreas do conhecimento o letramento não é só de responsabilidade do professor de língua portuguesa ou dessa área, mas de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita. Mesmo os professores das disciplinas de geografia, matemática e ciências. Alunos leem e escrevem nos livros didáticos. Isso é um letramento específico de cada área de conhecimento. O correto é usar letramentos, no plural. O professor de geografia tem que ensinar seus alunos a ler mapas, por exemplo. Cada professor, portanto, é responsável pelo letramento em sua área.” (SOARES, 2003, p.3).

Pautando-nos em tais pressupostos, consideramos que o trabalho desenvolvido com as histórias infantis nas aulas de matemática promove o letramento, pois relaciona a linguagem à aprendizagem de matemática, permitindo ao aluno fazer relações com ações concretas, ou seja, situações reais de uso da língua e dos conhecimentos matemáticos adquiridos.

O professor possui desempenho fundamental no processo de ensino-aprendizagem, já que parte dele a elaboração e o desenvolvimento de propostas pedagógicas. Dessa maneira, para que contribua de modo efetivo para o

desenvolvimento das habilidades dos discentes e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade do ensino, exige-se deste profissional um teor crítico e reflexivo sobre sua prática que permita aplicá-la ou reconstruí-la levando em consideração os diferentes recursos pedagógicos que podem auxiliá-lo, além das contribuições que tais recursos podem oferecer ao processo de ensino-aprendizagem.

No tocante à prática pedagógica do professor é relevante considerar que, por ser este profissional a peça-chave do processo de ensino, devido ao seu papel de mediador, questões como a necessidade de formação específica e de qualidade, bem como a metodologia adequada para o desenvolvimento das atividades propostas são de extrema importância para o desenvolvimento de uma proposta de ensino eficaz.

Pensamos a formação de professores como um processo de tomada de consciência de seus saberes, em um ambiente dinâmico e sob uma perspectiva contínua que compreende desde sua trajetória estudantil até sua fase de busca de autonomia profissional, quando assume a responsabilidade de seu próprio desenvolvimento profissional. (PASSOS; OLIVEIRA; SOUZA, 2009, p.629) Acreditamos que este trabalho interdisciplinar articulando Matemática e histórias infantis possibilita que os professores construam o que Longhini (2008) nomeia de “base de conhecimentos para o ensino”, que se configura na relação entre os conhecimentos exigidos de um professor para que este possa ensinar. Logo, refere-se à inter-relação entre o conhecimento específico – que diz respeito aos saberes a serem ensinados – e o conhecimento pedagógico – que diz respeito às formas como ocorre o ensino.

### **A prática e as histórias infantis**

A literatura infantil enquanto recurso didático traz consigo dezenas de sentidos, um deles é o de aflorar os conhecimentos fazendo com que se torne mais eficaz a interação do aluno com seu momento de aprendizado. Acredita-se que o momento do deleite da leitura pelos alunos é responsável por fazer com que estes comecem a construir aprendizados, bem como o hábito e o prazer pelo ato de ler.

Usando livros como recursos didáticos, podemos explorar de maneira lúdica, a relação entre o ensinar e o aprender. Para Vygotsky (1984) a criança, através da brincadeira, produz discurso externo e o internaliza, construindo seu próprio pensamento. Segundo o autor, a linguagem tem o importante papel no

desenvolvimento cognitivo da criança à medida que sistematiza suas experiências e ainda colabora na organização de seu modo de aprender.

De acordo com Smole (1999), a literatura infantil no aprendizado da língua materna é um elemento potencializador devido ao estímulo que proporciona e às descobertas que emergem durante a leitura. Ao utilizar livros infantis os professores podem levantar hipóteses matemáticas através de questionamentos ao longo da leitura ao mesmo tempo em que a criança se envolve com a história. Assim, a literatura pode ser usada como um estímulo para ouvir, ler, pensar e escrever matemática. Sendo assim, a utilização da literatura em sala de aula aproxima os alunos da matemática, pois a aprendizagem e o entendimento tornam-se mais significativos.

No contato com o texto, seu leitor lhe atribuiu expectativas, percepções e experiências. Desta forma, como aponta Smole (1999), a história permite que os alunos aprendam e utilizem a matemática assim como exploram lugares, características e conhecimentos na história, o que faz com que as habilidades matemáticas e de linguagem desenvolvam-se juntas, enquanto os alunos lêem, escrevem e conversam sobre as tramas que vão aparecendo ao longo da história.

Integrar literatura nas aulas de matemática representa uma significativa mudança no ensino tradicional da matemática, pois em atividades deste tipo, os alunos exploram matemática e história ao mesmo tempo, ou seja, não separam as disciplinas em blocos. Em um processo contínuo, aplicam os conceitos matemáticos na história e exploram a linguagem.

Essa integração pode ser observada nas aulas de Matemática do Colégio de Aplicação João XXIII, uma vez que procuramos inovar as aulas, utilizando como recurso didático as histórias infantis, possibilitando, de certo modo, que os alunos construam seus conhecimentos a partir do entendimento das leituras propostas.

No ano de 2010 nos períodos de planejamento propomos um trabalho diferenciado para as turmas de 2º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII, procurando desenvolver com os alunos o hábito de iniciar suas aulas com leituras de vários tipos de livros infantis, ou seja, a leitura sem a intenção do trabalho, cujo objetivo é a fruição. Dessa forma, os discentes se familiarizaram com a presença do recurso didático (livro). Desde então passou a ser uma constante na sala de aula.

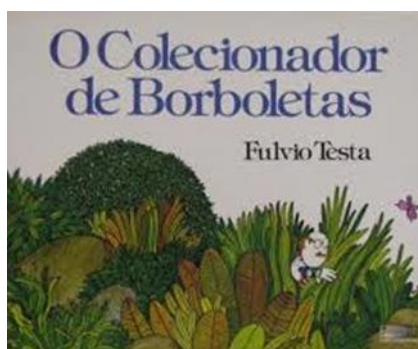
No ano de 2014, desenvolvemos um Projeto de Treinamento Profissional, o qual resultou na observação das aulas, com as histórias, pela bolsista do projeto. Para

tanto, expomos algumas atividades desenvolvidas com as turmas do 2º ano, nas aulas de matemática. Oferecemos o livro “Colecionador de Borboletas”, de Fulvio Testa (1978) disponibilizando um exemplar para cada criança, facilitando o contato e o desenvolvimento de atividades específicas. Após sua leitura, foram propostas questões de compreensão, de modo a trabalharmos as potencialidades da leitura a favor da aprendizagem matemática, cujo objetivo era introduzir o conceito de centena.

Dessa forma, pedia-se que os alunos escrevessem como era o pensamento do colecionador, que contassem e anotassem quantas borboletas apareciam ilustradas em determinadas páginas do livro e que fizessem relação entre centenas e unidades. Proporcionando a exploração de conceito, como por exemplo: Quantas unidades são necessárias para formar uma centena.

Sendo assim, percebemos a possibilidade de se desenvolver noções de adição, subtração, unidade, dezena e centenas, além dos trabalhos com o quadro posicional, operações e escrita dos números.

Figura 1: capa do livro “O colecionador de borboletas”



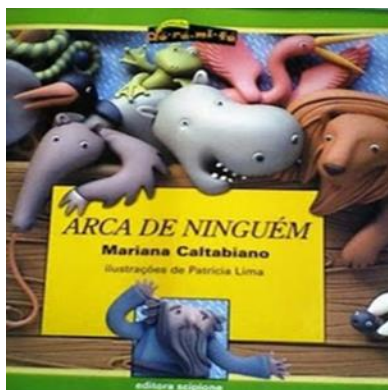
Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br>

Em outro momento usamos a obra “Arca de Ninguém”, da escritora Mariana Caltabiano (2003) outro exemplar utilizado individualmente. A história retoma a passagem bíblica da Arca de Noé, logo, conta-se que há muitos anos houve uma enorme enchente na Terra e que Noé construiu uma arca para salvar os animais, porém houve muitos problemas para convencê-los a entrar na embarcação, pois existiam conflitos entre os bichos. Busca-se convencer a todos a aceitarem as diferenças de forma a superar dificuldades e conviver em harmonia.

A partir da leitura desenvolvemos atividades referentes às noções de dúzia e meia dúzia, ímpar e par e sistema de numeração. Percebemos que a leitura literária

faz com que os alunos se aproximem da realidade em que vivem uma vez que estes observam que é possível usar os conceitos matemáticos aprendidos no ambiente escolar em situações da vida real. Dessa forma, as atividades realizadas levaram os alunos a traçarem relações com os contextos sociais nos quais o uso dos conceitos se faz presente.

Figura 2: capa do livro “Arca de ninguém”



Fonte: <http://eraumavez-inclusao.blogspot.com.br>

Em uma das aulas de matemática, uma aluna levou o livro “Chapeuzinho Amarelo, Chico Buarque (2011). Após a leitura, interrogamos como a Chapeuzinho Amarelo resolveu seu problema de ter medo do lobo mal. Um aluno respondeu que ela enfrentou o medo de frente. Continuamos instigando para que pensassem em alguma situação que gerasse um problema, então, um aluno questionou: “Como o lobo mal virou bolo?” Alguns alunos responderam que “A Chapeuzinho colocou o retrato do lobo no bolo”, “O lobo entrou dentro do bolo” e “O lobo enfiou a cabeça dentro do bolo”. E a partir daí, surgiram várias questões levantadas e respondidas pelos alunos sobre a história.

Em determinado momento, uma aluna disse que tinha matemática no livro. Perguntamos em que situação da história isto acontecia. A aluna respondeu: “O Lobo repetiu vinte e cinco vezes o nome Lobo Mal”. Já aconteceu em outras histórias dos alunos ligarem algum número que aparece nas histórias à matemática. Dessa vez, aproveitamos o momento pois estávamos trabalhando com situações- problemas e os instigamos a elaborarem uma situação- problema com o número citado pela aluna.

Um aluno elaborou a seguinte questão: “A chapeuzinho estava apostando uma corrida com mais vinte e quatro amigas. Ela estava em primeiro lugar, mas vinte a



ultrapassaram.” Durante a elaboração continuamos estimulando para que conseguissem perceber que ainda não tínhamos dados suficientes para criar uma situação-problema. E então, aluno completou: “Em qual posição chapeuzinho ficou?”

Uma aluna participou apresentando uma afirmação: “Chapeuzinho tinha vinte e cinco bonecas”. Questionamos se estes dados eram satisfatórios e interferimos perguntando o que a aluna queria saber e explicamos como desenvolvemos uma questão. Depois que a aluna refletiu sobre o que interrogamos, ela completou: “Chapeuzinho tinha vinte e cinco bonecas, emprestou quinze para sua amiga, com quantas ela ficou?”. Percebemos que as crianças ainda propõem o modelo tradicional de situação-problema que aparecem nos livros didáticos.

Houve outras questões com o número vinte e cinco sem estarem relacionadas à história, como por exemplo, com laranjas. Neste momento fizemos as anotações de cada participação no quadro e convidamos outro aluno para resolver o problema do colega.

Figura 3: capa do livro “Chapeuzinho amarelo”



Fonte: <https://www.amazon.com.br>

As atividades desenvolvidas a partir da contação de histórias permitiram que os alunos desenvolvessem as capacidades de analisar, formular hipóteses, questionar, interpretar, quantificar e registrar. Envolveram, também, as noções de quantificação, ordenação, classificação, tomadas de decisão, por meio de registros de escrita numérica, alfabética, representações simbólicas e geométricas e resolução de problemas.

### **O planejamento**

No tocante ao planejamento, este se torna indispensável para a execução das aulas e atividades que serão propostas pelo professor. Pois estas serão suas principais ferramentas de ensino e perpassam pela seleção e adoção de estratégias variadas para que ocorra, de fato a aprendizagem por parte dos alunos.

Em relação às atividades envolvendo o uso do livro de literatura no ensino da Matemática, acreditamos que existe a necessidade de desenvolver, em sala de aula, um trabalho diferenciado, com o uso de estratégias didáticas inovadoras e de uma nova maneira de se articular o processo de ensino-aprendizagem.

Os livros passam por uma análise criteriosa, levando em conta quesitos como faixa etária apropriada para a leitura, conhecimentos necessários para compreensão, conceitos condizentes com o nível de escolaridade dos alunos, entre outros. Após a análise, a docente elabora as atividades que serão realizadas em aula, de modo que as crianças possam articular os conhecimentos adquiridos com conceitos matemáticos.

Essas atividades geralmente envolvem a solução de situações problemas, escrita e interpretação, visto que os problemas são de interesse da criança, e, por este motivo, propiciam um melhor entendimento. Percebemos ser este o caminho para o ensino de matemática.

Torna-se de extrema importância que se faça uma relação das situações problemas que serão apresentadas aos alunos com situações de fato conhecidas por eles, para que realizem assimilações. Pois, como aponta Piaget (1970) o processo de assimilação é um conceito importante para analisar o processo de ensino-aprendizagem, pois nos permite compreender que o fato de aprender é um ato do conhecimento pelo qual assimilamos mentalmente a relação com o mundo. Com isso podemos dizer que a aprendizagem é uma relação cognitiva entre a criança e os objetivos do conhecimento.

É válido salientar que não se deve perder o mundo da imaginação, do faz de conta, como nos lembra Smole (1999), não são todos livros de literatura infantil que servem para estabelecer um trabalho com a matemática e, principalmente, o professor não deve fazer a conexão entre a literatura e a matemática com todos os livros que seus alunos forem ler.

### **O processo de ensino e aprendizagem**

Sabemos que grande parte das aulas de matemática ocorre através de práticas tradicionais de ensino, tratando-se, em sua maioria, de aulas expositivas, nas quais os alunos procuram responder a exercícios práticos, logo após a aplicação de um modelo apresentado pelo professor. Portanto, percebemos que a concepção de ensino adotada é aquela que considera que a aprendizagem ocorre por meio de uma transmissão de conhecimentos.

Tendo em vista que as atividades matemáticas devem propiciar ao aluno a construção e a apropriação de conhecimentos que servirão de base para que compreenda e transforme a sua realidade, consideramos que é essencial a adoção de uma concepção de ensino que possibilite que o cidadão atue de forma crítica na sociedade. Para isso, acreditamos que, em relação à Matemática, a escola deve “levar em conta sua relevância social e a contribuição para o desenvolvimento intelectual do aluno. Trata-se de um processo permanente de construção” (BRASIL, 1997, p.19).

Logo, para que a aprendizagem se torne, de fato, significativa é preciso inserir os alunos em situações investigativas, problematizadoras, que envolvam exploração e descoberta. Desse modo, é importante destacar que o trabalho docente e o planejamento das atividades tem influência direta na aprendizagem.

### **Considerações finais**

A integração da literatura nas aulas de matemática é uma proposta pedagógica já disseminada no país, o que podemos perceber nas diretrizes curriculares das redes de ensino tanto em âmbito nacional, quanto em âmbito municipal. Entretanto, não há recorrência de práticas pedagógicas que ampliem as fronteiras do ensino tradicional e abarquem o uso frequente dos livros de literaturas como recursos que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem da Matemática.

Desse modo, acreditamos que é possível estabelecer uma conexão entre a literatura infantil e os conteúdos estabelecidos nas propostas de ensino, pois não

existe uma única prática educativa em relação à Matemática. Existem vários caminhos para a Educação Matemática e mesmo assim cada um deles estará sempre sendo questionado, pois apresentam alcances e limites. É essa competência de encarar o novo ou as novas questões que a Educação Matemática deve ter como componente de investigação, pois as salas de aula de Matemática vão continuamente apresentar novos e diferentes desafios.

## Referências

- BUARQUE, Chico. Chapeuzinho Amarelo. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2011.
- BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares Nacionais: matemática: MEC\ SEF, 1997.
- CALBIANO, Mariana. A Arca de Ninguém. São Paulo: Ed. Scipione, 2003.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários á pratica educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCÍA, C. M. *A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor*. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 51-76
- JULIANI, M. Matemática e literatura: resolução de situações-problema a partir de contos para crianças. *Revista do Professor*, Porto Alegre, p. 5-8, jun. 2007.
- LONGHINI, M. D. O conhecimento do conteúdo científico e a formação do professor das séries iniciais do ensino fundamental. *Investigações em ensino de ciências*, v.13, n. 2, 2008. p. 241-253
- NACARATO, A. M.; MENGALI, B. L. S.; PASSOS, C. L. B. *A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: \_\_\_\_\_ (coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso, princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2001.
- PIAGET, J. O nascimento da inteligência na criança. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglion; OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de; SOUZA, Raquel Duarte de. Analisando a base de conhecimento para o ensino: a conexão entre histórias infantis e matemática na formação continuada de professores. *Educação Matemática Pesquisa*, São Paulo, v. 11, n. 3, p.624-645, set.

2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/2907/1887>>.

Acesso em: 14 abr. 2015.

SOARES, M. O que é letramento. *Diário na Escola*. 2003. Disponível em: <<http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

SMOLE, K. C. S.; DINIZ, M. I. (Org.). *Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SMOLE, K. C. S.; ROCHA, G. H. R.; CANDIDO, P. T.; STANCANELLI, R. *Era uma vez na matemática: uma conexão com a literatura infantil*. São Paulo: CAEM, 1999

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TESTA, Fulvio. *O Colecionador de Borboletas*. Ed. Melhoramentos, 1978.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo. Martins Fontes, 1984.